

**O CARNAVAL DE CLUBES DE RIO NOVO:
A SEGREGAÇÃO E A RIVALIDADE NOS
FOLGUEDOS DE UMA CIDADE DO
INTERIOR DE MINAS GERAIS (1907 - 1979).**

**THE CARNIVAL CLUBS OF RIO NOVO: THE
SEGREGATION AND RIVALRY IN THE MARRYMAKINGS
OF AN INTERIOR CITY OF MINAS GERAIS (1907-1979)**

Felipe Araújo Xavier¹

Resumo: Esse texto tem como objetivo apresentar a história do carnaval de clubes de Rio Novo – MG, entre 1907 e 1979, período no qual a sociedade rionovense foi marcada por forte segregação socioeconômica e racial, utilizando como fonte principal a memória dos foliões rionovenses.

Palavras-chave: Rio Novo; Carnaval; Segregação; Memória.

Abstract: *This paper aims to present the history of carnival clubs of Rio Novo – MG, between 1907 and 1979, period in which the rionovense society was marked by strong social-economic and racial*

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: autor@[yahoo.com.br](mailto:autor@yahoo.com.br).

segregation, using as main source the memory of rionovenses merrymakers.

Keywords: *Rio Novo; Carnival; Segregation; Memory.*

Introdução

Quem passou o carnaval em Rio Novo, município da Zona da Mata mineira, sabe do clima cuja cidade é tomada. A chegada do *Reinado do Momo* com sua energia burlesca estremece o pacato cotidiano e a população toma as ruas, junto aos turistas dos mais diferentes locais, dando fim ao brando compasso peculiar da pequenina urbe.

Com um carnaval de fama regional, a cidade tem suas origens ligadas à ocupação de desbravadores das últimas décadas do século XVIII, com o objetivo de reconhecer os caminhos proibidos e a possível existência de metais ou pedras preciosas. Nas proximidades do rio Novo, ergueram uma pequena capela dedicada à devoção de Nossa Senhora da Conceição e, paulatinamente, o povoamento foi se solidificando.

Em 1850, o povoado se transformou em distrito e, vinte anos mais tarde, Rio Novo foi elevado à condição de município, transformando-se em uma das vinte e cinco Comarcas da Província de Minas Gerais.²

Nessa pequena e pacata cidade a economia era ritmada pela velocidade dos carros de boi, carroças, mulas ou equinos, os quais, na

² O Anuário d'A Gazeta. Dezembro de 1951. Ano I. Número I. Rio Novo – MG. [S.I.:s.n.]

primeira metade do século XX, respondiam pelo transporte das sacas de café ou das colheitas de cana-de-açúcar e cereais das fazendas.

Eram escassos os recursos divididos entre seus habitantes. Poucos gozavam de um bom padrão de vida e a maioria da população vivia sob a dependência das atividades econômicas dos fazendeiros. Ali se formou uma organização social extremamente segregante, a qual pesava, principalmente sobre os negros arrastados para a outra margem do rio Novo, área onde ficou conhecida como *Arraial dos Crioulos*.

Nenhuma atitude expressiva de aproximação entre os grupos sociais foi feita. Talvez a única tenha sido promovida pelo Cônego Agostinho Augusto França, o qual – na virada do século XIX para o XX – abraçou a caridade ajudando de perto aquele arraial, cujo nome atual é *Vila França*.³

Não obstante, em meio aos percalços econômicos e sociais, o entretenimento tinha seu espaço. Para muitos os desfiles das bandas, a chegada do circo, o teatro, ou o cinema eram os grandes eventos da cidade. Mas tratando de uma prática na qual parcela majoritária da população se abria às comemorações, o carnaval adquiria destaque.

Assim como no cotidiano rionovense, durante grande parte do século XX, o carnaval também foi marcado por uma forte divisão social dos cidadãos pautada em critérios socioeconômicos e raciais. O *Club dos Paladinos Carnavalescos* e o *Club Renitentes Carnavalescos* eram frequentados pela distinta elite dos coronéis, fazendeiros e comerciantes ricos da cidade, o *Club Explosivos Carnavalescos*,

³ Ibidem. (ibid.).

formado pela classe média trabalhadora branca de Rio Novo,⁴ o *Club Colar de Pérolas* organizado e frequentado pelos negros, e o *Clube Carnavalesco O Nosso É Outro* se caracterizou pela aceitação dos mais distintos foliões, sem uma seleção preestabelecida com base na cor da pele, riqueza ou status social.

Essa divisão e a forma na qual esses grupos sociais tomavam as ruas da cidade durante o carnaval, aguçou o desejo de compreender o gênero dos espaços rionovenses através da sua utilização social, levando em conta os condicionamentos de usos e sua acessibilidade,⁵ assim como os códigos de sociabilidade vividos e atualizados pelos foliões, nas ruas e nos salões, impulsionados pelos mais diversos propósitos intelectuais, morais, sexuais entre outros⁶, ou pela mera necessidade social de exteriorização das suas identidades, as quais, perante os “outros”, buscavam reconhecimento e respeito dentro das relações de forças socioculturais.

Entretanto, a dinâmica do carnaval rionovense sofreu muitas transformações no decorrer das décadas e são essas mudanças que persegui nessa pesquisa, a qual, ao se debruça sobre a história do carnaval de clubes de Rio Novo, parte de 1907, data de fundação da primeira agremiação carnavalesca, o *Club dos Explosivos*

⁴ Maria da Conceição Pinto Duarte descreve: “classe média mesmo, mais popular”, “era operário, professor”, e para diferenciar a elite descreve: “Renitente era a classe alta, ali só tinha os coronéis, os fazendeiros, que frequentava ali.”

⁵ LOUSADA, Maria Alexandre. A rua, a taverna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime. In: VENTURA, Maria de Graças A. Mateus. *Os Espaços de Sociabilidade na Ibero-América*. Lisboa: Editora Colibri, 2004, p. 95 – 120. p. 97.

⁶ SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal. In: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

Carnavalescos, até 1979, quando a crise das sociedades carnavalescas era deflagrada e a hegemonia das *Escolas de Samba* minou consideravelmente a segregação social vivenciada durante o *Reinado do Momo*.

Para embasarmos esse estudo, utilizamos jornais, documentos referentes aos clubes e principalmente entrevistas de carnavalescos de outrora, os quais nos levam a refletir sobre a memória e o uso dos depoimentos como fonte histórica.

Conscientizado de que a memória é fruto de uma construção psíquica de fatos pretéritos e sofre uma seleção do rememorado, tenho que frisar que esse processo não se limita à atividade individual, nem mesmo ao coletivo⁷, pois toda memória pode ser compartilhada socialmente, mas somente materializada subjetivamente com os discursos individuais.⁸

Também é necessário estabelecer uma distinção entre lembrar e reviver. A lembrança é edificada com base nos materiais disponíveis na consciência presente e por mais que o exercício de relembrar procure ser exato, as imagens refeitas serão diferentes das experiências pretéritas. Portanto, o depoente não é o mesmo quando relembra um caso referente ao seu passado. Sua percepção e interpretação dos casos se modificaram no decorrer do

⁷ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 93 – 101. p. 94.

⁸ PORTELLI; Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo: Revista do Programa de História da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 2, p. 59-72, dez. 1996. p. 72.

amadurecimento individual, alterando suas leituras do seu passado.⁹ Fato que não me impede de resgatar o passado por intermédio dos indícios das representações que as lembranças deixam para nós. Nesse sentido, as principais fontes são depoimentos cujos moradores fazem a respeito do velho carnaval rionovense.

As origens do e os perfis sociais dos clubes carnavalescos de Rio Novo.

Nesta singela cidade de aspectos tão calmos, no início do século XX, parcelas de seus habitantes buscaram instituir agremiações, onde pudessem desenvolver diversas atividades recreativas. Como um possível pioneirismo, o *Centro Recreativo Rionovense* foi fundado em 1902, para promover em seu salão diferentes atividades como teatros, bailes, jantares, jogos e, entre outros eventos, o carnaval.

Em 1907, buscando destaque e seleção dos seus participantes, entre eles fazendeiros, donos do comércio da cidade e representantes dos altos cargos públicos, o *Centro Recreativo* organizou o primeiro festejo carnavalesco promovido por um rionovense, com os desfiles de carros alegóricos e de cavalheiros vestidos patrioticamente de verde e amarelo,¹⁰ e “(...) um lindo coreto armado no largo da matriz, em o qual o tocará excelente baile de música vindo de Guarany, especialmente contratada para o carnaval.”¹¹

⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁰ Jornal O Rio Novo. 17 de fevereiro de 1907. [S.I.:s.n.]

¹¹ Jornal O Rio Novo. 03 de fevereiro de 1907. [S.I.:s.n.]

Difícilmente saberia os motivos determinantes, mas seja por influência da própria organização do *Centro Recreativo* ou até mesmo pela intenção de constituir uma agremiação mais acessível à população e com sua energia concentrada na celebração do carnaval, no mês de março de 1907 foi fundado *O Club Explosivos Carnavalescos*, cujo símbolo era o leão e as cores vermelha e preta representavam a sua bandeira.

No ano de 1908, em seu primeiro carnaval, a agremiação já despontava como defensora de seu sobrenome *Carnavalescos*, celebrando todos os dias do *Reinado do Momo*, diferente do *Centro Recreativo*, o qual realizou apenas dois bailes, no primeiro e no terceiro dia de carnaval.¹²

Porém, os jornais, entre 1909 e 1914, projetaram outra imagem do carnaval. Nesta ocasião afirmara-se o juízo de um festejo frígido e quieto, de “pouco confetti, nenhuma animação”, “um verdadeiro carnaval pasmaceira”.¹³

Há de se frisar a presença de uma forte crise econômica que atingiu o café, no início do século XX, e deixou os produtores numa situação desconfortável, até a chegada dos subsídios do governo com sua política de “salvação das lavouras”. A população rionovense ainda viria a sofrer outros dois flagelos, a epidemia de gripe e as enchentes, como relatado no jornal “O 109”:

Apesar do mau tempo que precedeu aos três dias consagrados ao deus Momo, tiveram aqui bastante animação os folguedos carnavalescos deste ano. Pode-se mesmo dizer que eles excederam à expectativa de todos, porquanto seria

¹² Jornal O Rio Novo. 26 de janeiro de 1908. [S.I.:s.n.]

¹³ Jornal O Rio Novo. 13 de fevereiro de 1910. [S.I.:s.n.]

muito natural que houvesse menos animação, menos entusiasmo – pois não há muito toda esta população sofreu, e está sofrendo, as consequências de dois terríveis flagelos: a epidemia da gripe e a inundação – esta dando prejuízo a muita gente; aquela cobrindo de luto a muitos os lares, roubando a existência de muitas vidas preciosas.¹⁴

Abordando os eventos do carnaval de 1919, esse mesmo registro levantou o surgimento de um novo clube carnavalesco alvinegro, o *Club dos Paladinos Carnavalescos*. Com a data de sua origem perdida, nos longos anos que se passaram, esse clube já promovia as mais diversas atividades recreativas antes de 1917, como designa uma carta de Olímpio Araújo ao presidente dessa agremiação, Coronel Jaime Gomide.

Essa nova agremiação, deixou fortes indícios sobre sua forte ligação com as elites rionovenses. Figuras como os imortalizados, Carmo Gama e Olímpio Araújo¹⁵ foram frequentadores dessa corporação, além disso, quando pego o regimento como base, encontro cobranças de elevadas taxas para o padrão de renda da cidade.

O Estatuto dos *Paladinos* deixa entrever uma classificação dos sócios em função das doações, constituindo-se uma hierarquia em razão da contribuição monetária bem como a separação de seus sócios dos demais personagens que não participavam do clube.

Não obstante, a representação que permaneceu nas descrições constituídas pelas memórias, é a de um clube ligado às elites de Rio

¹⁴ Jornal “O 109”. 09 de janeiro de 1919. [S.I.:s.n.]

¹⁵ Carmo Gama e Olímpio Araújo foram escritores componentes da Academia Mineira de Letras de famílias tradicionais rionovenses, tendo tido forte participação na história da imprensa da cidade.

Novo. Isto porque há sinais de terem sido parte abundante dos componentes os quais, em 1925, fundariam os *Renitentes* e pela simples questão de incluir, nas suas posses, uma sede no *Largo da Matriz*, onde se concentraram os casarões dos grandes fazendeiros.

Tratando do *Club Carnavalescos Renitentes*, agremiação identificada pelas cores verde e rosa e a figura de um galo, tanto a documentação quanto as lembranças são mais vastas. O *Livro de Atas* desse clube constitui um registro importante para entender melhor seu trajeto no carnaval rionovense.

Segundo esse documento, a primeira *Seção Solene dos Renitentes* data de 13 de maio de 1925, quando foi aprovado o *Estatuto* e entregou-se o cargo de presidente ao Francisco Serpa, o qual não se manteve na função, passando o posto para Manuel Benjamim Pavel, no dia 15 de julho de 1925.¹⁶

Pavel deixou seu registro sobre o carnaval do ano seguinte, em seu livro *Besta de Sela (memórias romanceadas)*, no qual reafirma a imagem dessa agremiação como “em geral das classes mais abastadas”.

Em suas memórias romanceadas, relembra de seu mandato de presidente e o esforço na compra de bens para agremiação, objetivando fazer dos *Renitentes* um *clube social* mais que propriamente carnavalesco. Entre os patrimônios os quais relata ter adquirido destacou os luxuosos móveis para o salão e um piano de calda, bens dignos de admiração às demais agremiações rionovenses.¹⁷

¹⁶ Livro de Ouro Club dos Renitentes. – Rio Novo. 1925

¹⁷ PAVEL, Benjamim. *Besta de Sela*. Memórias Romanceadas. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1965. p. 107 e 108.

Em nome do *Clube*, o presidente Manoel Benjamin Pavel deixou registrado no *Livro de Ouro* o desejo de remodelar as estruturas do salão para seu primeiro carnaval e inscreveu os nomes dos sócios que acreditava obter auxílio para essa dispendiosa empreitada. Dentre os sócios encontramos muitos com os títulos de doutores, coronéis, capitães, tenentes, os quais não economizaram nas doações de 100\$000 ou 50\$000 réis, que, com base nas assinaturas, atingiram cerca de 2.870\$000 réis.

Assim como os *Paladinos*, o *Clube Renitentes Carnavalescos* também tinha sua sede na praça central. Construída no áureo período das lavouras de café sob um estilo eclético, seu prédio ainda hoje é uma das construções mais valorizadas da cidade.

Como recordou Maria Pinto¹⁸ “Eles eram os privilegiados. O clube lá era muito bonito, Os *Renitentes*, ali na praça. (...) No entanto, eles tinham uma sede no centro da cidade, ali era muito bonito, o salão era uma beleza.”¹⁹

(...) o *Renitente* era a classe alta, ali só tinha os coronéis, os fazendeiros, que frequentava ali era a família do Luiz Dias, a família Ezequiel Guimarães, a família do Zé Neto, a família do Otávio Ladeira. Eram os ricos de Rio Novo. Ali era a elite, os *Renitentes*. Aqui (*Explosivos*) era a classe média e lá era a classe mais humilde (*Colar de Pérolas*).²⁰

¹⁸ Tendo formação de professora e sendo a primeira vereadora de Rio Novo, Maria da Conceição Pinto Duarte, nasceu em 1920 e frequentou o salão do *Club dos Explosivos Carnavalescos* assiduamente durante as décadas de 1930 e 1940, quando participou do *Bloco das Turmalinas*. Foi fundadora e presidente do *Clube da Terceira Idade*, que tem como símbolo uma turmalina e promove o *Bloco da Terceira Idade* nas noites de carnaval.

¹⁹ DUARTE, Maria da Conceição Pinto: depoimento [nov. 2004]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2004. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Pesquisador Felipe Araujo Xavier.

²⁰ DUARTE, Maria da Conceição Pinto: depoimento [jul. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

Talvez seja nesse período que o *Club Explosivos Carnavalesco* começa a ser taxado de agremiação da “classe média”. Ou até mesmo anteriormente, pois tudo indica que o *Centro Recreativo de Rio Novo*, o *Club Paladinos Carnavalescos* e os *Renitentes Carnavalescos* foram sempre apresentados pelas memórias e documentos de época como o grupo seleta e distinto da cidade.

Entretanto, naquele contexto a ligação entre os *Explosivos* e a “classe média” não era unânime. Quando recorremos às entrevistas de Carmelita Betonte Mattos²¹ constata-se que o clube poderia ser frequentado por uma gama de setores sociais bem mais amplos, mas por “preto não, era só misturado com gente pobre, gente rica, gente média. Pois é, meu pai era pobre, mas eu ia assim mesmo”.²²

Sendo assim, é necessário lembrar que até mesmo a classificação dos *Explosivos* como clube da *classe média* é temporal e foi modificada com o passar dos anos. Pois, já na segunda metade da década de 1940, o *Clube dos Renitentes* parou de promover os festejos carnavalescos e a maioria dos seus abastados foliões se tornou frequentadores dos *Explosivos*. Daí em diante, o clube rubro-negro começou a ser taxado como a agremiação das *elites rionovenses*.²³

²¹ Carmelita Betonte Mattos foi frequentadora dos *Explosivos Carnavalescos*, participou do *Bloco das Turmalinas* e chegou a se tornar presidente do clube na década de 1960.

²² MATTOS, Carmelita Betonte: depoimento [jan. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

²³ COSTA, Carlos Fonseca da; FONSECA, Josina Tavares da: depoimento [mai. 2008]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e Mazoel Magalhães Fonseca. Rio Novo, 2008. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

Dentro da segregação na qual a sociedade rionovense se estruturava, brotava o brilho do *Club Carnavalesco Colar de Pérolas*, agremiação composta pelos negros da cidade cujas cores da bandeira eram branca e vermelha e tinha como símbolo a águia.

Sem ter em mãos uma data precisa sobre seu surgimento, a primeira referência a qual tive contato provém das memórias romanceadas de Pavel. Ao citar os três clubes existentes no ano de 1925, faz uma referência ao *Colar de Pérolas* e suas “morenas”:

Os *Renitentes Carnavalesco*, em geral da classe mais abastada. Os *Explosivos Carnavalescos* de classe média. (...) Por fim, o clube *Colar de Pérolas*, de classe mais humilde, das boas e belas “morenas” que “rasgavam as fantasias” e num samba bem batucado varavam a noite até o raiar do dia.²⁴

Como se vê, a distinção social rionovense não se embasava somente no fator econômico. Numa sociedade herdeira de preceitos aristocráticos escravistas, a cor da pele foi determinante para uma organização social extremamente segregante na cidade e trouxe consequências negativas da desigualdade e do racismo, ainda muito presentes nos dias de hoje.

Como Altivo Cândido²⁵ lembra, a separação de cor era uma realidade na cidade e se refletia na organização de diversos festejos do carnaval. O próprio centro econômico e social rionovense se ordenou nesses preceitos segregantes.

A Praça era cercada, por dois fios de arame desses. Um embaixo outro em cima. Dessa altura assim, [cerca de 1

²⁴ PAVEL, op. cit., 1965, p. 107.

²⁵ Altivo Cândido brincou o carnaval rionovense desde os anos de 1930. Freqüentador do salão do Clube *Colar de Pérolas*, durante sua juventude, participou da fundação das primeiras Escolas de Samba, *Unidos de Rio Novo e Sorriso da Melodia*, na década de 1960.

metro] (...) então nós passeávamos em volta da praça e a turma de gente branca, a turma de vocês passeava dentro. Os brancos passeavam dentro da praça e nós pretos passeava do lado de fora.

Felipe: Por quê?

Altivo: Porque se distinguiam as cores, tinha separação de cores.²⁶

Por sua vez, o *Colar de Pérolas* foi fundado com o objetivo de promover os festejos carnavalescos da população *crioula* da cidade, a qual, naquele contexto, não frequentava os demais clubes.²⁷

Esse humilde clube, diferente dos já citados, sofreu diversas mudanças de sede, pelo fato de não terem adquirido um prédio próprio. Inicialmente, esteve localizado no *Arraial dos Crioulos* e viria a terminar sua história em uma sede emprestada na *Avenida Rio Branco*, no centro da cidade.

Maria Gontijo²⁸, ao ser arguida, como ela começou a frequentar o *Colar* deu a seguinte resposta:

Porque ele já era feito mesmo pros *crioulos* (...) porque nos outros clubes a gente não podia entrar porque a gente era negra. Então tinha os clubes dos pretos e dos brancos. Tinha essa separação em Rio Novo. Inclusive nos *Explosivos* num entravam, *O Nosso É Outro* entrava mais mulato. Entrava algumas assim meio escuras, mulato fechado metido a bom né [risos]. Então ali no *Colar* que era o nosso lugar, mas era ótimo. Era muito bom.²⁹

²⁶CÂNDIDO, Altivo: depoimento [out. 2009]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e Ieda Callian. Rio Novo, 2009. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

²⁷MATTOS, op. cit., 2005.

²⁸ Maria Aparecida Gontijo, conhecida como Maria Butija, foi frequentadora do clube *Colar de Pérolas*. Importante figura dentro da vida cultural dos negros, Gontijo se destacou como passista da primeira Escola de Samba rionovense, *Unidos de Rio Novo*, fundada na primeira metade da década de 1960, e foi a principal organizadora da *Escola de Sorriso da Melodia*, fundada em 1969.

²⁹ GONTIJO, Maria Aparecida: depoimento [jul. 2008]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2008. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

Em 1932, a rigidez segregante da organização social do carnaval rionovense sofreria o primeiro golpe com a fundação do *O Nosso É Outro*. De cores azul e branca e tendo um cometa como símbolo, a agremiação carregava em seu nome uma tentativa de se diferenciar dos demais, a partir do combate à segregação vigente, defendendo a participação de negros e brancos das mais diversas classes sociais no seu salão.

Contudo, por mais que todas essas representações procurem constituir uma definição homogênea e estática dos públicos frequentadores dos clubes, essa ideia se apresenta frágil perante a concretude das interações sociais. Pois até mesmo as linhas fronteiriças as quais os depoentes e jornais buscavam construir entre pobres, ricos e classe média, ou brancos e negros, são por demais fluidas e de certa maneira individualizadas. Cada qual constitui um parâmetro para determinar ou classificar os grupos.

Portanto, faz-se necessário esclarecer melhor estas questões com uma maior aproximação das memórias e experiências dos depoentes sobre as festas nos salões, a circulação dos foliões e a rivalidade entre os clubes.

As noites nos salões.

As festas que tomavam os salões dos clubes não se limitaram aos quatro dias de carnaval. Durante todo ano as agremiações carnavalescas promoviam diferentes eventos em suas sedes, tanto para dar à cidade uma opção de entretenimento e diversão no fim de

semana, quanto para arrecadarem um capital voltado à manutenção das estruturas do clube e a organização do festejo mor: o carnaval.

Nos documentos encontro as *Domingueiras* apresentadas pelo *Colar de Pérolas* e *O Nosso É Outro*, com seus concursos de danças os quais iam do tango ao samba e as noites de desfiles que elegiam suas Rainhas. Os bailes nos *Explosivos* e nos *Renitentes* com suas respectivas orquestras Euterpe Rionovense e Euterpe Carlos Gomes, ou bandas vindas das cidades vizinhas, como Guarani e São João Nepomuceno. Os jantares, os sorteios de prêmios nos salões, entre outras, as recepções de figuras ilustres como, por exemplo, a do ex-governador de Minas Gerais e ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Nestas ocasiões o salão se transformava num ambiente tranquilo e familiar, onde os lança-perfumes não dominavam a cena, as fantasias eram deixadas de lado, as roupas elegantes eram retiradas do armário e os excessos davam lugar à moderação.

Segundo as lembranças de Carmelita Betonte em consonância com as memórias de Maria Pinto Duarte, os valores morais eram os principais quesitos para seleção dos frequentadores das festas no *Clube dos Explosivos*, ocasião em que imperava uma atmosfera amena propícia para uma relativa união dos diversos grupos sociais rionovenses.

Apesar de tudo, essa relativa interação não era tão frequente nos *Renitentes*. Seus sócios empunhavam um discurso de distanciamento dos setores populares, deixando em aberto sua clara tendência a se diferenciar dos demais segmentos da sociedade rionovense. Diversas

referências jornalísticas remetem aos seus frequentadores como a “distinta sociedade rionovense”.³⁰

Nessas ocasiões, pessoas de outros clubes não eram declaradamente impedidas de participarem desses eventos. Muitos participantes dos *Explosivos* frequentavam essas festas, mas não todos. Na maioria das vezes, aqueles que tinham trânsito aberto no clube se aproximavam do *status* de componente da *seleta elite rionovense*, desfrutando dos códigos de sociabilidade desse grupo locupletado. Também havia aqueles com relações e parentescos próximos aos integrantes da agremiação e até os que prestavam serviços para o clube. Caso contrário, o indivíduo não se manteria sensivelmente à vontade nesse salão ou mesmo poderia ser convidado a se retirar desse espaço privado às elites.

Entretanto, quando tratamos das recordações dos negros a segregação tomam destaque de suas lembranças. A separação seria tão presente que uma simples conversa teria entraves racistas, tornando esses momentos de interação penosos.

Moradora memorável do *Arraial*, Maria Gontijo lembra a maneira como os negros eram cotidianamente tratados e o respeito que deveriam ter ao se aproximar de uma pessoa da *sociedade rionovense*, pois um *crioulo* não poderia chegar

(...) igual a gente está falando aqui assim não (refere-se à entrevista). Ficava mais afastado, porque tinha catinga de..., eles falavam né, que a gente tinha catinga debaixo do braço né. Então era assim, dava o livro (de ouro) assim de longe.³¹

³⁰ Jornal O Paládio. 27 de dezembro de 1925. [S.I.:s.n.]

³¹ GONTIJO, op. cit., 2008.

A segregação encontrava-se presente na organização social cotidiana rionovense e nos dias de carnaval se afluía como nunca. No *Reinado do Momo* os foliões não mais brincavam e dançavam juntos. Os negros e os brancos, os pobres e os ricos cada qual procurava seu clube para maior liberdade e prazer em desfrutar das festividades.

Durvalina Cândida³² lembra bem suas primeiras experiências no carnaval rionovense. Sendo negra e tendo como patrões, Senhora Francisquinha e Senhor Marcelo Araújo, dois frequentadores dos *Renitentes*, preferia ir aos bailes do *Colar de Pérolas* e do *O Nosso É Outro*, pois como ela própria afirmou, se sentia mais à vontade e conseguia tomar parte dos festejos, já que eram mais baratos.

Ao declarar sua escolha pelo *O Nosso É Outro* como clube predileto, apesar de ter iniciado seu carnaval no *Colar de Pérolas*, afirma que suas colegas, as quais tomavam partido do *Colar*, não gostavam que as outras meninas frequentassem outra associação, no caso, *O Nosso É Outro*.³³

Nessas agremiações, Durvalina Cândida lembra que primeiro participava nos desfiles dos blocos e logo depois se enveredava para os salões, onde passava a noite de carnaval, muitas vezes, até o amanhecer.

A gente era bloco, não era Escola de Samba, não. Fazia fantasia e a gente saía, depois dava uma volta na rua, a gente

³² Durvalina Cândida, conhecida como dona Didi, trabalhava no meio rural, vindo para cidade nos anos de 1950, para trabalhar como doméstica. Frequentou primeiramente o Colar de Pérolas e depois O Nosso É Outro.

³³ CÂNDIDA, Durvalina: depoimento [jul. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

cantava, cantava, até nove..., dez horas, dez horas a gente ia pra casa continuava o baile no clube. Quarta-feira de cinzas ia até de manhã, até oito horas, a gente ficava lá dançando.³⁴

Por sua vez, Maria Pinto, filha de um dos músicos da *Banda Euterpe Rionovense*, lembra-se do destaque das marchinhas de carnaval nos *Explosivos*, em detrimento dos sambas, tocados somente nos momentos de descanso. Assim, sob o regimento das marchinhas, o salão se infestava de cordões e foliões dançando, pulando e cantando.

Ressalta também a presença indispensável dos lança-perfumes. Cada folião portava seu tubo, tanto para cheirá-lo quanto para jogá-lo nos olhos dos outros festeiros. Mas apesar da relativa liberdade, os mais jovens não ficavam fora do policiamento dos adultos em relação ao uso desses produtos.

O Senhor Wilson [presidente dos *Explosivos*] era rigoroso mesmo, era rigoroso demais. Nós fazíamos parte do bloco das turmalinas, mas a gente tinha mais medo, não era só respeito não, era medo também, do Senhor Wilson e da Dona Ira, porque eles traziam a gente ali oh! Turmalina não fazia besteira não, a gente só cheirava lança-perfume. Se a Dona Ira soubesse que você estava cheirando lança-perfume ela te passava uma advertência. A gente corria dela igual o diabo foge da cruz.³⁵

Mas mesmo com todo zelo no combate à inalação do lança-perfume pelos jovens, o banheiro tornava-se o escape do policiamento. Ali os adolescentes fugiam da fiscalização feita pelos agentes do clube, para se inebriar. Era tão utilizado que, segundo Maria Pinto, seria o único vício do Rio Novo de seu tempo.

³⁴ Ibidem (ibid.).

³⁵ DUARTE, op. cit., 2005.

É possível que a utilização dos lança-perfumes não fosse tão difundida entre os clubes carnavalescos mais carentes. Pois como Maria Gontijo deixa claro, até mesmo uma “(...) cervejinha, naquela época, uma cervejinha, o pobre não podia tomar”³⁶, pois era dispendioso para as parcas economias dos setores mais carentes da sociedade rionovense.

Dois outros instrumentos indispensáveis dos bailes de carnaval rionovenses foram o confete e a serpentina. Era tanto confete que o salão muitas vezes se encontrava inundado. As serpentinas habitavam os ares e se agarravam nos enfeites do salão. Muitas vezes, eram necessários rodos para recolher os papéis os quais tomavam os espaços físicos e atrapalhavam os pares nas danças de salão. “Carnaval sem confete, sem muita serpentina e sem lança-perfume? Isto todo mundo tinha.”³⁷

Com certeza em algum momento o montante de confete no chão do salão atrapalhou Senhor Carlinhos.³⁸ Adepto de um carnaval saudável, o folião lembra sua preferência pela dança em relação ao uso das bebidas alcoólicas. Segundo o depoente, as damas que esperavam um par para a dança preferiam um cavalheiro sóbrio, em prejuízo aos foliões que excediam na dose das bebidas e lança-perfumes. Sendo um desses moderados, conseguia permanecer no salão a bailar com diversas senhoritas.³⁹

³⁶ GONTIJO, op. cit., 2008.

³⁷ DUARTE, op. cit., 2005.

³⁸ Carlos Fonseca da Costa, conhecido como Senhor Carlinhos, foi nascido na segunda década do século XX, participou ativamente dos festejos dos *Explosivos Carnavalescos*, sendo o porta-bandeira do clube nos diversos blocos promovidos pela agremiação.

³⁹ COSTA, op. cit., 2008.

Nos *Explosivos* os bancos contornavam o salão para aquele minuto de descanso, ou para acomodar as mães que ficavam de vigia das filhas nos *Explosivos*.⁴⁰

Maria Pinto ainda destaca a presença maciça dos idosos nos bailes. Primeiramente, lembra-se dos serviços prestados por sua mãe aos coronéis como costureira. Com especialidade na confecção de roupas masculinas, produzia as fantasias para muitos idosos, os quais, segundo a depoente, “usavam uma camisa de chitão bem estampada, de boné.”

Tratando das noites de carnaval, a festa em que mais se realça nas memórias dos foliões é a da quarta-feira de cinzas. Diferente das outras noites de bailes carnavalescos, que se estendiam das sete horas até cerca 5 horas da manhã, este baile se desdobrava até o amanhecer e o sino da *Igreja Matriz* a badalar chamando seus fiéis.

O casal, Senhor Carlinhos e Senhora Josélia⁴¹, relata na entrevista suas memórias referidas à última noite de carnaval. Ele afirma ironicamente que nas noites de carnaval os bailes acabavam cedo, 5 horas da manhã, já “no último dia (terça-feira para quarta-feira de cinzas) ia até 6 horas e (ele) achava ruim quando parava”.⁴²

Nessa noite, havia um protocolo de cunho religioso seguido por muitas pessoas. Em meio à festa de terça-feira para quarta-feira, ao bater o horário de meia-noite, os foliões eram advertidos do início da

⁴⁰ DUARTE, op. cit., 2005.

⁴¹ Josina Tavares da Fonseca, a qual participou dos *Explosivos* nas décadas de 1930 e 1940, quando fez parte do *Bloco das Turmalinas*. É necessário ressaltar que, apesar de ter sido registrada com o nome Josina, todos a conhecem como Josélia. Portanto, utilizaremos nas notas seu nome de registro, mas no corpo do texto o nome o qual se tornou referência à sua pessoa.

⁴² COSTA, op. cit., 2008.

Quaresma e os portões eram abertos para deixarem sair àqueles que seguiam rigorosamente os preceitos católicos de abstinência posterior ao carnaval.

Dona Maria Pinto era uma das frequentadoras do carnaval dos *Explosivos* que, seguindo a educação católica de seus familiares, tinha que se retirar do salão nas 12 badaladas do sino da Igreja. O carnaval desses foliões começava estritamente no sábado e acabava rigorosamente no último minuto da terça-feira gorda.⁴³

As crenças mais variadas habitavam a mentes dos carnavalescos. Segundo a depoente, eram comuns estórias as quais retratassem a presença de assombrações, lobisomens e mulas sem cabeça na Quaresma. Então a meia-noite era o horário oportuno para aqueles que temiam essas presenças sobrenaturais irem para casa.

Carmelita também reconstitui esse evento em suas memórias, relatando a experiências de seu pai, porteiro dos *Explosivos* e seguidor ferrenho dos preceitos católicos. Segundo a depoente, seu pai e sua irmã seguiam o caminho para a casa mais cedo a fim de poderem participar da missa das sete horas da manhã. Ao que tudo indica, ela ficava, pois relembra as atitudes dos músicos que iam para a janela impedir que os últimos foliões saíssem do salão, mantendo-os nos festejos até o início da cerimônia religiosa da entrega das cinzas aos fiéis católicos da cidade. Nestes últimos momentos, os foliões “estavam cantando *Agora é cinza* a última música.”⁴⁴

⁴³ DUARTE, op. cit., 2005.

⁴⁴ MATTOS, op. cit., 2005.

Mas também havia aqueles que não seguiam à risca os preceitos católicos, não acreditavam nessas narrativas extraordinárias e até se tornavam contraventores desses costumes católicos arraigados nos cidadãos rionovenses. Pois não satisfeitos em atravessar a madrugada do primeiro dia de Quaresma, ainda acabavam seus festejos na frente da *Igreja Matriz*.⁴⁵

Maria Pinto ressalta o mal-estar entre a posição do padre Luiz e o carnaval. Rememora que ao chegar à missa das sete horas da quarta-feira de cinzas, o eclesiástico não se mostrava contente com o comportamento dos fiéis. No ritual do recebimento das cinzas, segundo a depoente, ele “(...) olhava (...) com aquela cara feia, botava a cinza, mas revoltado. Sabia que a gente tinha ficado lá os quatro dias de carnaval”.⁴⁶

A circulação dos foliões nos clubes carnavalescos de Rio Novo.

Nos salões e nos blocos dos clubes havia regras formais e informais as quais não somente alimentaram representações homogêneas dos clubes como dos negros, dos pobres, dos ricos ou sem restrições, como também geraram esse carnaval segregante. Não obstante, a partir de uma análise mais concreta do objeto de estudo posso entender as separações como tendências, produzidas pelo uso social dos espaços de sociabilidade e não como uma regra intransponível.

⁴⁵ DUARTE, op. cit., 2005.

⁴⁶ Ibidem (id.).

Apesar de todo esse clima segregante, os ingressos estavam à venda e poderiam ser comprados pelos foliões não incorporados ao corpo de associados dos clubes. Ou até mesmo, adquiridos por aqueles que estariam ávidos por prolongar um bom baile de carnaval.

Como afirmou Aretusa de Carvalho Gomide⁴⁷ em sua entrevista: “(...) havia o *Explosivos*, o *Renitentes*, clubes carnavalescos em todos os cantos (...) depois de adulta (...) fechava os *Explosivos* e eu ia pro *Nosso É Outro*, ia pro *Colar*, queria era brincar.” Mas a depoente segue reafirmando a presença da discriminação e demonstra sua representação da composição de cada clube:

(...) mas havia essa discriminação. Eram os clubes assim: o *Renitentes* era o clube da elite, o *Explosivos* era classe média, o *Nosso é Outro* era clube de operários, e o *Colar* era o clube dos pretos. Então pra mim nunca houve separação, quando menina cheguei a brincar carnaval nos *Renitentes*, antes de fechar. Mas o forte mesmo aqui era o *Explosivos*, o clube do povo, geral.⁴⁸

Não somente a livre circulação era recorrente para a mudança de festejos, os próprios corpos de associados eram passíveis de movimentação. A experiência de Dona Carmelita é esclarecedora quanto à tríade: separação, condicionamento e circulação dos sócios.

Eu num lembro mais, quando eu lembro mesmo é quando eu entrei, eu tinha sete anos papai me levou no *Renitente*. “Ah, você vai dançar no *Renitente*”. Chego lá era muito rico, não deixava a gente entrar não né. Lá era selecionado. Aí papai falo: “Ah você vai pro *Explosivo*”. Papai gostava.

⁴⁷ Foliona, presente nos mais diversos festejos de carnaval, teve uma experiência particular de transitoriedade nos mais diferentes clubes, desligando-se da organização socioeconômica e racial presente na sociedade rionovense de sua infância e adolescência, além de ter sido fundadora da *Mocidade Dependente de Rio Novo* e desfilado na *Sorriso da Melodia*.

⁴⁸ GOMIDE, Aretusa de Carvalho: depoimento [mar. 2009]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2009. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

Aí eu fui, cheguei lá fiquei uns oito anos brincando nos *Explosivos* até casar, brinquei até casar. Depois fui a presidente do clube.⁴⁹

Sendo assim, perguntei a razão por ela ter sido levada primeiramente aos *Renitentes*. Assim respondeu:

É porque papai era muito comunicativo, e papai era sócio, dos *Explosivos*, dos *Renitentes*, dos quatro clubes. Então ele achou assim, eu tinha sete anos, tinha um bloco de menina, e aí ele foi e me levou, mas eu entrei no bloco, me lembro da minha saía de filó cor-de-rosa com uma blusinha verde, era rosa e verde lá, verde com uma flor. Eu brinquei aquele ano, mas papai no ano seguinte, papai mesmo caiu na realidade. “Não, lá não é pra você não, minha filha. Você vai pro *Explosivo*.” Aí eu fui pro *Explosivo* e lá fiquei até casar.⁵⁰

A expressão *papai mesmo caiu na realidade* denota essa relativa diferenciação social na qual se encontravam os foliões dos *Renitentes*. Suas fantasias luxuosas, as altas doações ao clube tratavam de delimitar as fronteiras dos seus frequentadores. Isso marcava bem o espaço reservado às elites, ou pelo menos, aos que conseguiam arcar com os altos gastos para manter o *status* de parcela selecionada da sociedade rionovense. Portanto, a abertura desses clubes era real, mas os usos sociais de seus espaços interferiam na manutenção de um alto grau de circulação e participação dos foliões de camadas sociais distintas.

A problemática da circulação de foliões, que ficou cada vez mais branda com o passar dos anos, faz-se presente nas lembranças de

⁴⁹ MATTOS, op. cit., 2005.

⁵⁰ Ibidem (ibid.).

Antônio Coelho⁵¹, já na década de 1960. Quando vindo da cidade vizinha, Guarani, ele iniciou sua participação nos festejos do *Colar de Pérolas*. Porém, motivado por uma dissidência com o presidente do clube, por ter levado muitos foliões do clube para sua *Escola de Samba Unidos de Rio Novo*, teve que se distanciar do grêmio e começou a frequentar os bailes do *O Nosso É Outro*.⁵²

Há de se perceber que a circulação de foliões poderia ser induzida pelas mais distintas motivações e a memória de Maria Gontijo, referente às décadas de 1950 e 1960, torna-se exemplo disso. Interrogada sobre uma possível filiação dos políticos a um clube carnavalesco, assim reconstitui a transitoriedade masculina no *Colar de Pérolas*, movida por motivos financeiros e libidinosos.

Maria Gontijo: Não eles (os políticos) participavam sempre dos *Explosivos*, nós gostávamos de participar do *Colar né*. Onde estavam as *crioulas*, eles participavam. Só os homens né, porque as mulheres, a turma toda brincando na praça e eles lá onde nós estávamos. (...) (fala baixinho com risinhos irônicos). Aí participava!

Felipe: Mas isso no carnaval?

Maria Gontijo: Carnaval, festa sabe?!?!

Felipe: Mas aí vocês os deixavam entrarem?

Maria Gontijo: É, porque tinha dinheiro né, eles ajudavam a pagar né. Sempre bebiam né, aí pagavam. (...) Inclusive os políticos né.⁵³

Portanto, apesar das evidências segregantes em que os salões se organizavam, os impulsos mais distintos poderiam fazer dessas barreiras um obstáculo transposto. Há de se enfatizar as tendências,

⁵¹ Percursionista e passista, Antônio Coelho foi o fundador e idealizador da primeira Escola de Samba, a *Unidos de Rio Novo* e frequentou o *Colar de Pérolas* e depois *O Nosso É Outro*.

⁵² COELHO, Antônio: depoimento [jul. 2008]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2008. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

⁵³ GONTIJO, op. cit., 2008.

mas também as situações singulares que relativizavam as fronteiras sociais, os sentimentos de satisfação do folião e identificação com o espaço frequentado nos dias de folia.

Os desfiles dos Préstitos Carnavalescos e as rivalidades dos clubes.

Cada clube carnavalesco de Rio Novo, além de organizar seus festejos internos, promovia desfiles de seus blocos. Os préstitos das agremiações eram compostos principalmente por moças solteiras, havendo somente a presença de um rapaz empunhado com a bandeira do clube o qual defendia nos desfiles.

Esses blocos femininos tinham denominações próprias. Dos *Renitentes Carnavalescos* o bloco era *As Pluminhas*; nos *Explosivos*, *As Turmalinas* sempre ativas nas mais diversas recreações; no *Colar de Pérolas* eram as *Violetas do Colar*, famosas pelas suas vozes; já *O Nosso É Outro*, com seu grupo de damas, as *Cigarras*.

Para além do êxtase festivo dos préstitos dos clubes no centro da cidade, esses desfiles ofereciam aos foliões dos diferentes clubes a possibilidade de integrar um só espaço dentro do carnaval, o *Largo da Matriz*. Isso suscitava contatos entre os correligionários dos diferentes grêmios, gerando um reforço de suas identidades perante os “outros”, alimentando um clima de rivalidade dentro do carnaval.

Essas identidades dos grupos a quais se faziam reconhecer, seja pela união simbólica dos emblemas, fantasias, amizades ou pelos códigos depreciativos direcionados aos notáveis opositores, tornavam os dias de carnaval um campo de conflitos.

É dentro desse universo de celebração e rivalidade, que os representantes dos clubes buscavam construir os meios simbólicos para se tornarem os grandes vencedores, nesse concurso aberto, sem regras formais ou juízes. Em busca desse subjetivo destaque dentro do carnaval, os grupos agiam em diversos campos de significados compartilhados e permeados das mais diferentes intenções e interpretações, com intuito de demonstrarem-se superiores aos adversários.

Para o Senhor Carlinhos, “*Os Explosivos* eram mais alegres, cantava mais, tinha mais gente”⁵⁴, e para Josélia “as fantasias (dos *Explosivos*) eram com muito gosto. Muito gosto mesmo sabe, eram muito bonitas.”⁵⁵ Assim, como para Senhora Maria Gontijo,

O *Colar* sempre foi primeiro lugar, (...), segundo *O Nosso É Outro*, terceiro os *Explosivos*. Era só branquinha riquinha sabe. Aquelas roupinhas pintadinhas. “Colombina onde está você?” (canta ironicamente).⁵⁶

Neste meio de embates simbólicos, a ostentação como modo de diferenciação ganhava espaço. Pavel, em seu livro, já tratava de apresentar o sucesso dos *Renitentes* no carnaval de 1925, como fruto do rico aparato dos seus carros alegóricos confeccionados por seus sócios. Segundo suas memórias, causaram admiração a todos os habitantes da cidade, principalmente para os sócios dos *Explosivos*, os quais julgavam terem sido feitos na capital, Rio de Janeiro, não aceitando a grandiosidade do trabalho dos *Renitentes*.⁵⁷

⁵⁴ COSTA, op. cit., 2008.

⁵⁵ Ibidem, (ibid.).

⁵⁶ GONTIJO, op. cit., 2008.

⁵⁷ PAVEL, op. cit., 1965, p. 108-109.

Essa diferenciação, como forma de representação de imponência do clube, tinha presença chave, tanto nos carros alegóricos, quanto nas suas fantasias. Remando ao passado, Senhora Maria Pinto relata o fausto aparecimento das primeiras plumas nas fantasias do carnaval rionovense:

Só que naquela época a gente não tinha pluma, a fantasia não tinha pluma. O brilho era do lamê e do cetim, num tinha nada de pluma não. Primeira vez... é por isso que o bloco dos *Renitentes* ficou chamado de *Pluminhas*, porque foi a primeira vez que nós vimos em Rio Novo uma fantasia de pluma. Porque o *Renitente* era a classe alta, ali só tinha os coronéis.⁵⁸

Essa competitividade na produção de fantasias luxuosas e requintadas adornava os embates emblemáticos entre as instituições e os próprios foliões. Essa atmosfera carnavalesca era tomada pelo escárnio capaz de gerar situações mais grosseiras, promovendo conflitos abertos entre os atores.

Dona Maria Gontijo lembra seus desfiles pelo bloco do *Colar de Pérolas* e demonstra uma circunstância vivenciada na qual os ânimos se acirraram:

Às vezes, os *Explosivos* acostumavam, algumas sabe, falar: “que nada vocês não pulam nada, a fantasia de vocês é isso é aquilo”. Aí a gente criava problema, mas ali mesmo resolvia. Eu mesmo já dei uns quatro galopes na Zezé do Senhor Hélio (...). Corria trás dela, sem vergonha. “Vai debochar da fantasia? Você vai ver vou te pegar”.⁵⁹

Litígios como esses aconteciam entre todos os clubes. A participante dos *Explosivos*, Maria Pinto resgata a memória de um

⁵⁸ DUARTE, op. cit., 2005.

⁵⁹ GONTIJO, op. cit., 2008.

conflito ocorrido entre folionas dos clubes dos *Explosivos* e dos *Renitentes*, no *Largo da Matriz*, em que uma integrante das *Turmalinas* foi alvo de um projétil que queimou sua cabeleira postiça.

Eu me lembro que os *Explosivos* estavam saindo de *Dama Antiga*, a fantasia era de *Dama Antiga*, aquela cabeleira toda muito bonita, e alguém lá do *Renitente* riscou um fósforo e tacou fogo na cabeleira da Libira, me lembro demais. Mas foi uma coisa horrível, ficou feio, o negócio ficou feio.⁶⁰

Entretanto, para um sambista e frequentador dos clubes *Colar de Pérolas* e *O Nosso É Outro*, como Antônio Coelho, o peso da importância dos trajes não era a principal coisa a ser exaltada. É isso que transparece quando o depoente questiona a superioridade dos *Explosivos*, ao ser interpelado sobre o que diferenciava os blocos dos clubes.

Iiiii meu filho (...) na vestimenta. A diferença era a fantasia, fantasia. (...) na dança aí não... Lamentavelmente pra samba, desculpa dizer é preto [risos]. O bicho parece ter a canela de ferro. No samba é preto, o branco desfila, o grã-fino, não é de ser branco (...). O grã-fino desfila, o pobre não, o pobre bate o pé. Então, a diferença é essa, o pobre bate o pé mesmo com vontade, o grã-fino só desfila.⁶¹

É visível o orgulho de Antônio Coelho em relação à sua habilidade com a dança e o batuque do samba em detrimento à ostentação das elites.

Por estas e outras questões, os valores direcionados às maneiras dos clubes se apresentarem caíam nesse emaranhado de significados. Para uns grupos as fantasias eram as grandes ferramentas para se posarem como os vitoriosos no carnaval. Para outros, uma maior

⁶⁰ DUARTE, op. cit., 2005.

⁶¹ COELHO, op. cit., 2008.

desenvoltura nas danças, sejam o samba ou as marchinhas, ou até mesmo o ato de ser referendado pelo maior número de pessoas no Largo da Matriz.

Não obstante, durante esses desfiles, havia muitos casos de trocas de ofensas entre integrantes dos diferentes clubes, chegando a níveis indecorosos e racistas. Ao lembrar do fragmento da letra de a marchinha do *Colar – Violeta do Colar*, / Carnaval nos convida, / Para alegria do povo, / Da nossa terra querida –, com desgosto, Josélia resgata uma paródia injuriosa, frequentemente cantada pelas agremiações rivais nesse emaranhado de atos conflitantes.

Os *Renitentes* tinha... era preto lá (refere ao *Colar de Pérolas*) e eles eram ricos (refere-se aos *Renitentes*). Então quando cantou aquele, “*Violeta do Colar*, carnaval nos convida...”, que eu cantei pra vocês. Aí os *Renitentes* fez essa música assim: “*Violeta do Colar* / Tem catinga de gambá / Ribeirão passa na porta / Não tem coragem de lavar.” Porque o rio passa, eles tinham que passar na ponte pra poder (lembrando que sua sede estava na margem do *Arraial dos Crioulos*)... então eles cantavam essa música pro *Colar de Perolas*. Era uns negócios bobos assim sabe? Cantava pra fazer raiva.⁶²

Nesse meio de rivalidades e conflitos abertos, Carlinhos e sua esposa Josélia também resgatam essa arena de conflitos entre *Explosivos* e *Renitentes*:

Carlinhos: Ué, eles debochava de lá nós debochava de cá ué.
 (...) Xingava de longe.
 Felipe: Mais ou menos como? (...)
 Carlinhos: (gargalhada)
 Josélia: (inibindo a narrativa de Carlinhos) Em Carlos, o pessoal dava muita vaia!!!!

⁶² COSTA, op. cit., 2008.

Carlinhos: Você pensa o nome mais bonitinho que tinha (risos). Aquilo era tudo na hora, lá e pronto.⁶³

Dessa maneira, durante os desfiles, os representantes dos clubes e as forças policiais tinham consciência do aquecimento das energias emanadas pelos ânimos da folia e pelos contatos entre os foliões dos distintos clubes. A ordem e o controle tornavam-se o foco das preocupações.

O controle social e o policiamento.

Em meio a tanta rivalidade entre os clubes carnavalescos de Rio Novo, a segurança policial e o respeito a esse órgão repressor era visto como algo necessário para um bom desenrolar do carnaval. Talvez seja por essas questões que, nas memórias dos foliões, habitam imagens as quais manifestam uma festividade tão ordenada e policiada.

Como forma de prevenir os tumultos, as autoridades construíram códigos e regras a serem cumpridas. Dentre elas, a organização sequencial dos desfiles, com horários para todos os blocos desfilarem sem maiores problemas.⁶⁴

Entretanto, os horários para a realização dos cortejos nem sempre eram respeitados e tal acontecimento poderia ser um estopim para a promoção de uma grande confusão entre os blocos.

Uma vez aconteceu, num sei por que cargas d'água, eu num sei se foi os *Explosivos* que atrasou ou se foi o clube dos *Renitentes* que adiantou, porque se encontrasse um com outro, o negócio ficava feio, saía briga, saía tapa mesmo.

⁶³ COSTA, op. cit., 2008.

⁶⁴ DUARTE, op. cit., 2004.

Que a rivalidade era demais. Eu me lembro uma ocasião que nós saímos dos *Explosivos*, e não sei o que aconteceu que os *Renitentes* também saiu. Algum deve ter atrasado outro deve ter adiantado, né. Então foi uma briga feia mesmo de tapa, de soco, os *Explosivos* queria passar o *Renitente* não queria deixar, foi uma coisa horrorosa, passa num passa, passa num passa.⁶⁵

Rememorando os desfiles da sua *Escola de Samba Unidos de Rio Novo*, na década de 1960, Antônio Coelho afirma que os primeiros a saírem eram os mais humildes, o *Colar*, seguido do *O Nosso É Outro* e para finalizar, os *Explosivos*, visto no momento como o clube que concentrava as elites rionovenses.⁶⁶

Assim como os horários eram organizados por um viés hierarquizante, as tomadas dos espaços também eram ordenadas com base nos mesmos jogos de poder, cujos passeios públicos do *Largo da Matriz* eram tomados pelas elites que ali habitavam, fazendo do cotidiano dos rionovenses um reflexo da segregação dos dias de carnaval.

Maria Gontijo lembra das apresentações de sua *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, dos blocos e das normas as quais, em seus usos sociais, mesclavam características privadas ao espaço público dos passeios:

Porque antigamente ali na praça a gente num passava na calçada não, nosso lugar era na rua. Ainda mais fim de semana. Porque na porta do Ronaldo Borges as mesas e as cadeiras só pra família dele e para o pessoal que vinha de fora; da Isa Abrantes a mesma questão, Dr. Cristovam a mesma coisa, Mané Esteves a mesma coisa. Depois vinha o

⁶⁵ Ibidem (ibid.).

⁶⁶ COELHO, op. cit., 2008.

bar do Zé Dias depois vinha família do Marco Aurélio. Virava, senhor Hélio, Maria Zacur, depois vinha o bar do Chico Januzzi também. Então a gente não podia passar ali. (...) Então a gente não passava porque as cadeiras tomavam conta né. E também, a gente tem educação, como sempre o que a minha mãe me deu, não me deu diploma, então a gente conversava com eles de longe. (...) Daí você já tira a base que já tinha o clube dos negros e dos brancos. Mas toda vida sempre os negros ganhavam. A maioria dos pretos era tudo pra cá (Arraial dos Crioulos). (...) agora mudou tanto né, fica tudo complicado, fica vendo crioulo... preto com branco, branco com preto. Misturou. Eu olho estranho, eu olho assustada mesma. Antigamente a gente não via isso, né. Antigamente quando a gente via falava, né. Pessoal gritava na rua “a lá mosquito no leite”. (Risos).⁶⁷

Conforme as deliberações estabelecidas, a polícia coordenava essa tessitura social dos espaços, assumindo participação fundamental na manutenção da ordem no modelo vigente. Para além de combater os choques entre foliões exaltados pelas suas emoções éticas ou sentimentos de identificação fronteiriça, também agia no valer do *status quo*. Consequentemente, operava na conservação dos valores e dos significados que permeavam as leituras hierarquizadas desse universo citadino.

Entretanto, essa subordinação não se constituiu de maneira pacífica, nem insensivelmente. As memórias falam dos sentimentos de prostração cujo se encontravam os foliões nos momentos nos quais estavam em pleno desfile e os policiais se apresentavam para fazer com que seus blocos, ou escolas de samba, dessem passagem aos clubes da elite.

Antônio Coelho: No carnaval falava “vamos passar por cima de vocês, vamos passar por cima de você”, eu falava

⁶⁷ GONTIJO, op. cit., 2008.

“ah não vai, não! (risos) não vai, não vai, não!”. “Vou passar por cima do bloco”, falavam que ia passar por cima da gente, a gente falava que ia passar por cima do bloco. Era aquela rivalidade. Mas na hora que o bloco vinha a gente tinha que desocupar a rua para eles, a polícia estava ali. A polícia estava ali para encostar a gente num canto para o bloco passar. O bloco passava a gente pagava a reta da gente.

Felipe: Por que vocês que tinha que desocupar?

Antônio Coelho: O menor, o menor tinha que desocupar pro maior.⁶⁸

Esta ação, às vezes, soava também como um reforço da dependência em relação às elites. Pois os próprios clubes necessitavam da ajuda desses coronéis, tenentes, comerciantes, políticos, os quais financiavam, por intermédio de doações, os livros de ouro das agremiações mais pobres. Segundo Antônio Coelho, na década de 1960, apenas os *Explosivos* eram capazes de se organizar somente com as dádivas de seus sócios, os demais precisavam da ajuda dessas pessoas, as quais no carnaval tornavam-se os foliões oponentes.⁶⁹ Essa situação de dependência financeira ocasionava a manutenção e aceitação da organização tempo-espacial do carnaval vigente.

Conclusão

Na década de 1960, apesar de ainda prevalecer os desfiles dos blocos carnavalescos e os festejos nos salões dos clubes, o carnaval começou a ser reinterpretado e reordenado pelos foliões. A inserção da Escola de Samba como um novo modelo de folguedo começou a

⁶⁸ COELHO, op. cit., 2008.

⁶⁹ Ibidem (ibid.).

atrair cada vez mais foliões, principalmente entre os negros que frequentavam o *Colar de Pérolas* e *O Nosso É Outro*.

Com a *Unidos de Rio Novo* e, logo depois, a *Escola de Samba Sorriso da Melodia*, o samba se fortaleceu entre os negros da *Vila Camargo* e da *Vila França*, antigo Arraial dos Crioulos. Sem pedir licença, expandiu-se para outras regiões e segmentos sociais.

Num momento no qual os próprios *Clubes Carnavalescos* entravam em crise financeira e vinham fechando suas portas, os rionovenses aderiam cada vez mais esse novo ritmo que vinha embalando a dança dos foliões, os quais deixavam as marchinhas mais de lado a cada carnaval.

Em meados da década de 1970, em uma Rio Novo cuja presença da segregação racial era visível, o samba mudou de cor e subiu até a praça para ser fundada a *Escola de Samba Mocidade Dependente*, no Bar do Chico Jannuzzi. Apesar do seu projeto de interação e quebra das barreiras sociais entre *crioulos* e *brancos*, contou com a presença majoritária do último grupo.

Anos mais tarde, em 1978, a *Vila Urca*, também foi dominada pelo ritmo dos tamborins, repeniques e tantãs e outra *Escola de Samba* emergiu o *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás*. Com uma forte aderência da população, esta agremiação conseguiu promover a interação entre os segmentos sociais distintos, quebrando as barreiras entre negros e brancos, ao concentrar aquilo que Cícero Vasconcelos⁷⁰ chamou de “povão”.⁷¹

⁷⁰ Cícero Vasconcelos foi o idealizador e primeiro presidente da *Escola de Samba Unidos do Barrabás*.

Um ano depois, surgia a *Escola de Samba Unido das Paineiras*, a qual já refletia a solidificação da interação entre foliões das diferentes escolas rivais e dos distintos grupos sociais. Neste momento, Rio Novo já começava a respirar um ar mais fluido de confraternização e convívio entre os segmentos sociais diferentes no carnaval. Os discursos veiculados pelas mídias sobre a igualdade entre os grupos e os novos imaginários sociais ecoavam nos folguedos carnavalescos de Rio Novo.

A *Barrabás*, a qual já conseguiu tal façanha de início, convocou ainda mais a população para promover seu folguedo. A *Mocidade*, classificada como Escola de Samba das elites rionovenses, tratou de trabalhar essa aproximação com um público maior. As duas atingiram o sucesso em seus objetivos, arruinaram com as agremiações que não conseguiram se manter diante dos dois colossos do carnaval.

Nesta aglutinação de foliões, ambas conseguiram maior expressividade na vida cultural da cidade. Os órgãos públicos começaram apoiar e as próprias cúpulas das Escolas buscaram investimentos para a produção dos préstitos. Assim, com a força dos seus barracões e integrantes, cada qual trabalhando na confecção de parte das alas, carros alegóricos, as Escolas de Samba deram exuberância ao carnaval rionovense.

Referências

Bibliografia

⁷¹ VASCONCELOS, Cícero: depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2009. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CUNHA, Maria Pereira Clementina da. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da UNICAMP, Cecult, 2002.

LOUSADA, Maria Alexandre. A rua, a taverna e o salão: elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do Antigo Regime. In: VENTURA, Maria de Graças A. Mateus. *Os Espaços de Sociabilidade na Ibero-América*. Lisboa: Editora Colibri, 2004, p. 95 – 120.

PORTELLI; Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo: Revista do Programa de História da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, Vol. 1, n° 2, p. 59-72, dez. 1996.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 93 – 101.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal. In: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

Fontes.

PAVEL, Benjamim. *Besta de Sela*. Memórias Romanceadas. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1965.

O Anuário d’A Gazeta. Rio Novo - MG. Dezembro de 1951. Ano I. Numero I.

Jornal O Rio Novo. 03 de fevereiro de 1907. [S.I.:s.n.]

Jornal O Rio Novo. 17 de fevereiro de 1907. [S.I.:s.n.]

Jornal O Rio Novo. 26 de janeiro de 1908. [S.I.:s.n.]

Jornal O Rio Novo. 13 de fevereiro de 1910. [S.I.:s.n.]

Jornal “O 109”. 09 de janeiro de 1919. [S.I.:s.n.]

Jornal O Paládio. 27 de dezembro de 1925. [S.I.:s.n.]

Estatuto do Club Paladinos Carnavalescos de 23 de abril de 1918.

Livro de Ouro Club dos Renitentes. 1925.

CÂNDIDA, Durvalina: depoimento [jul. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

CÂNDIDO, Altivo: depoimento [out. 2009]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e Ieda Callian. Rio Novo, 2009. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

COELHO, Antônio: depoimento [jul. 2008]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2008. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

COSTA, Carlos Fonseca da; FONSECA, Josina Tavares da: depoimento [mai. 2008]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e Mazoel Magalhães Fonseca. Rio Novo, 2008. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

DUARTE, Maria da Conceição Pinto: depoimento [nov. 2004]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2004. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Pesquisador Felipe Araujo Xavier.

_____.: Maria da Conceição Pinto: depoimento [jul. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo,

2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

GOMIDE, Aretusa de Carvalho: depoimento [mar. 2009]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2009. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

GONTIJO, Maria Aparecida: depoimento [jul. 2008]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2008. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

MATTOS, Carmelita Betonte: depoimento [jan. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

_____.: depoimento [ago. 2005]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2005. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.

VASCONCELOS, Cícero: depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Felipe Araujo Xavier e André Colombo. Rio Novo, 2009. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao pesquisador Felipe Araujo Xavier.